

# Placas móveis com grafismos rupestres paleolíticos do Terraço do Medal (Nordeste, Portugal): uma primeira análise a temas e estilos

SOFIA SOARES DE FIGUEIREDO  
PEDRO XAVIER  
LUÍS NOBRE

**RESUMO:** No âmbito da construção de uma barragem no Nordeste Transmontano, no vale do Sabor, foi escavado um terraço fluvial onde se detetaram unidades estratigráficas do paleolítico superior. Nalguns destes estratos foram encontrados centenas de fragmentos de placas com gravuras paleolíticas, que constituem na atualidade a maior coleção de ar livre registada em território ibérico. O enquadramento empresarial dos trabalhos não permitiu um estudo aprofundado da coleção nas suas diversas vertentes, tendo-se abordado a mesma no seu conjunto, através de leituras mais descritivas que interpretativas.

O trabalho que agora apresentamos, procura por um lado dar essa mesma visão de conjunto de uma coleção excepcional do paleolítico ibérico, bem como ensaiar algumas primeiras interpretações, nomeadamente no que respeita aos temas representados e aos seus estilos. Serão assim analisados os temas figurativos zoomorfos, onde contamos com um total de cerca de 170 motivos. Dentro destes são os caprídeos que conhecem um número mais elevado de representações, seguindo-se os equídeos, os bovídeos e por fim os cervídeos. É interessante notar que os temas mais representados são aqueles que conhecem uma menor variabilidade técnica. Uma vez que a maioria da coleção é proveniente de um depósito em posição secundária e atendendo aos materiais líticos aí presentes, apesar de cronologicamente situada no Magdalenense, uma inserção cronológica mais fina é complexa. Deste modo, procuramos também aqui fazer uma primeira abordagem à questão dos estilos presentes na coleção, confrontando-os com os já conhecidos e melhor estudados sítios de Vila Nova de Foz Côa ou Siega Verde, geograficamente próximos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Placas móveis, Grafismos paleolíticos, Magdalenense, Temas e Estilos

**ABSTRACT:** In the scope of the construction of a major dam in the Northeast of Portugal in the Sabor valley, a terrace river where Upper Palaeolithic stratigraphic units were detected was excavated. In some of these layers hundreds of fragments from Palaeolithic engraved plaques were found, transforming this collection into the largest in the Iberian territory coming from an open-air site. Since the studies carried out were made in the context of salvage archaeology, it has not been possible yet to establish all the necessary data, having approached the collection as a whole, through more descriptive than interpretative readings.

With this presentation we aim in the one hand to give an overall vision of this exceptional collection from the Iberian Palaeolithic as well as present some first interpretations regarding the represented themes as well as their style. With this in mind we will analyse the figurative themes materialized by the zoomorphic figures, where we can count more or less 170 representations. Among these, goats are the most represented theme, followed by horses, aurochs and the deer.

Interestingly, the most represented themes are those who know less technical variability. Since the majority of the collection is from a deposit in a secondary position, and taking into consideration the lithic industry of this same layer, although we can situate the plaques collection in the Magdalenian period, a higher chronological insertion is complex. Therefore we also try to make a first approach to the issue of styles present in the collection, confronting them with the already well-known and studied sites of Vila Nova de Foz Côa and Siega Verde, geographically very close.

**KEYWORDS:** Portable plaques, Palaeolithic engravings, Magdalenian, Themes and Styles.

## 1. Introdução

O Terraço Fluvial da Foz do Medal localiza-se no vale do Sabor, concelho do Mogadouro e distrito de Bragança. A configuração radiada que o rio Sabor e as ribeiras que para ele correm adquirem neste ponto geográfico onde o vale se abre, transformou esta zona num importante local de passagem, bem como de ocupação humana, desde tempos paleolíticos até ao período contemporâneo (Fig. 1). Embora seja um terraço fluvial baixo, apenas 9 metros acima do nível do rio, contém uma sequência sedimentar complexa com níveis de ocupação desde o Paleolítico Médio até à Idade do Bronze (Figueiredo *et al.* 2014; Gaspar *et al.* 2014).

A intervenção arqueológica do Terraço Fluvial da Foz do Medal resultou da construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, com início em 2008, constituído por dois escalões e com uma afetação em área superior a 3 000 hectares. De forma a mitigar os impactos sobre o património, a partir de inícios do ano de 2010, foi implementado o Plano de Salvaguarda do Património<sup>1</sup>.

Foi neste contexto que se deram início aos trabalhos de escavação do Terraço Fluvial da Foz do Medal. Após uma primeira fase, onde apenas se abriram pequenas sondagens de diagnóstico, os trabalhos em área tiveram início em finais de 2011 tendo terminado em inícios de 2013. Assim, o estudo que aqui apresentamos, resulta essencialmente do trabalho de laboratório de dois anos, 2013 e 2014, o que, para o estudo da coleção de placas gravadas do Medal, com 1511 exemplares, é muito pouco.

O Terraço Fluvial da Foz do Medal divide-se em duas áreas. Uma situada na margem esquerda da ribeira do Medal e, outra, localizada na margem direita desta mesma ribeira que, por sua vez, corre para a margem esquerda do rio Sabor. No artigo que agora redigimos, iremos centrar o nosso discurso na margem direita deste sítio arqueológico e na unidade estratigráfica magdalense (U. E. 1055) de onde foram exumadas 1257 placas gravadas, num total de 1511. Ainda que existam mais depósitos paleolíticos com placas gravadas, o seu estudo encontra-se ainda incompleto. De igual modo, importa referir que o estudo completo e detalhado do

<sup>1</sup> O Plano de Salvaguarda do Património (PSP) faz parte da Empreitada Geral do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor promovida pela EDP, Produção, e cuja execução é da responsabilidade do Baixo Sabor, ACE, constituído pelo consórcio ODEBRECHT/Bento Pedrosa Construções S.A. e LENA, Construções. O Plano de Salvaguarda do Património tem a seguinte estrutura de coordenação: Coordenação Geral: Paulo Dordio; Coordenação de Equipas e de Estudos: Filipe Santos (Cilhades), José Sastre (Proto-história), Luís Fontes (Idade Média), Paulo Dordio (Edificado), Rita Gaspar (Pré-história), Sérgio Antunes (Acompanhamento) Sérgio Pereira (Romanização), Sofia Figueiredo (Arte Rupestre), Susana Lanhão (Conservação). O Plano de Salvaguarda do Património (PSP) integra a Área do Ambiente, Qualidade e Segurança da Empreitada Geral, área coordenada por Augusta Fernandes.

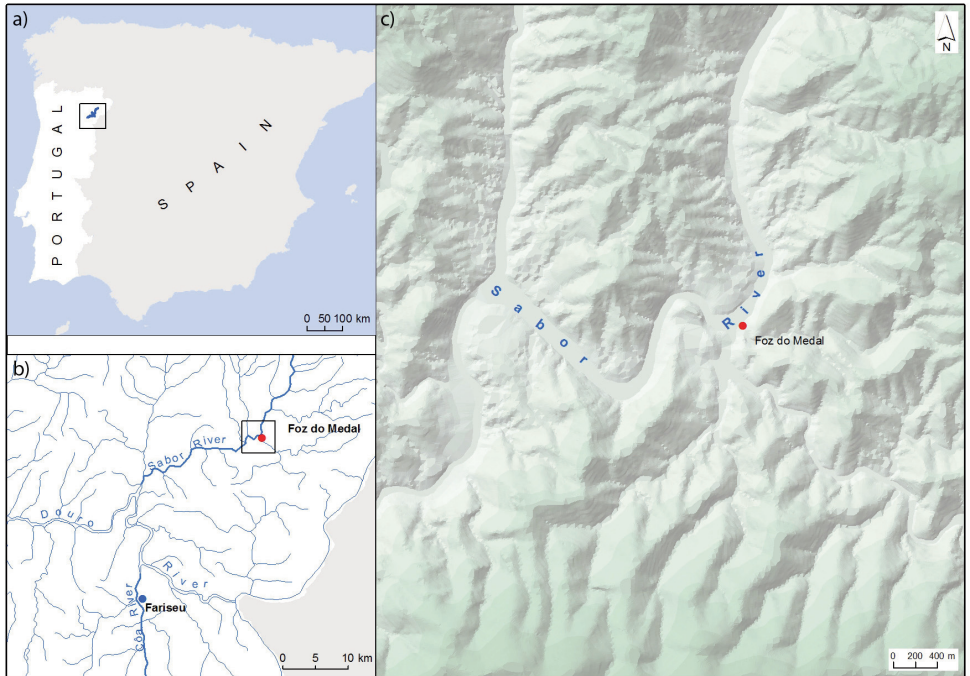


FIG. 1. Localização do Terraço da Foz do Medal na sua margem direita, no contexto da Península Ibérica, da bacia do Douro e do vale do Sabor. Carta de João Monteiro.

depósito magdalenense que iremos abordar, se encontra também, ainda, a ser desenvolvido. Assim, importa apenas mencionar que se trata de um depósito secundário, uma vez que deslizou da sua localização original, o que provocou a fracturação de muitas placas, ainda que a integridade da coleção esteja assegurada (Figueiredo *et al.* 2014; Figueiredo, Nobre *et al.*; Figueiredo, Xavier *et al.*).

Tal como mencionado no resumo deste artigo, temos como objetivo abordar pela primeira vez os temas figurativos presentes na coleção magdalenense do Medal, a sua representatividade e os seus estilos, tentando estabelecer analogias com outras estações de arte rupestre.

## 2. Metodologia

No estudo, individualização e classificação das figuras rupestres do Medal, foram estabelecidas quatro categorias de motivos: os figurativos, os geométricos, os abstratos e os indeterminados. Nos 1257 fragmentos de placas magdalenenses, os motivos abstratos correspondem ao grupo dominante com quase metade das representações, seguem-se os geométricos, os

indeterminados e, por fim, os motivos figurativos. No entanto, são estes últimos que nos dão mais pistas sobre estilos e eventuais cronologias, sendo por conseguinte o foco deste trabalho.

Na tradição dos estudos paleolíticos, o grupo dos motivos figurativos é formado por representações de animais e seres-humanos (Sauvet 1993). De acordo com Lorblanchet (Lorblanchet 1993a:211, 1993b), os motivos figurativos tanto podem ser a representação de um objecto tendo em conta o seu aspecto físico real como, num sentido mais amplo, se podem reportar a uma produção consciente de uma forma que é a cópia de algo real ou de algo imaginário. Na tipologia dos motivos figurativos do vale do Sabor, para além de considerarmos os dois tipos tradicionalmente estabelecidos pela arte paleolítica, consubstanciados pelos Antropomorfos e os Zoomorfos, consideramos ainda os seguintes tipos: Mãos, Podomorfos, Esteliformes, Ramiformes, Escadiformes, Armas e Outros. Todos estes tipos foram integrados nos motivos figurativos partindo do pressuposto de que possuem um referente real, ou que aludem a uma forma concreta.

No entanto não serão aqui abordados todos os temas figurativos, restringindo por enquanto a nossa análise aos motivos antropomorfos e zoomorfos. Relativamente a este último grupo, também só serão considerados os animais cuja classificação é possível, deixando de fora os “Quadrúpedes” e os “Outros”.

Assim, do total de 1257 fragmentos, tratamos apenas de 108 que, após as remontagens levadas a cabo pela equipa de arte rupestre do Sabor e cujos resultados foram já publicados (Figueiredo, Nobre *et al.*), se materializaram em 67 placas. Nestas placas foi possível individualizar 92 motivos figurativos que se distribuem pelas seguintes categorias: 38 caprídeos; 30 equídeos; 17 bóvidos; 6 cervídeos; e, apenas 1 antropomorfo. No ponto que se segue, procuramos olhar com atenção cada uma destas categorias.

### **3. Os motivos figurativos: zoomorfos, antropomorfos e as suas associações**

Das 67 placas aqui consideradas, em 49 os animais surgem de forma isolada. Evidentemente, dada a elevada desagregação das placas, esta visão poderá não corresponder à realidade, mas face às evidências de que dispomos, estes são os dados que podemos apresentar. São em número de 4 as placas que apresentam animais da mesma espécie associados entre si. E, por fim, são em número de 14, as placas onde surgem associados animais de espécies diferentes num mesmo espaço operativo. Vamos então passar a olhar mais de perto os animais que fazem parte do bestiário magdalenense na margem direita do Terraço Fluvial da Foz do Medal.

#### *3.1. Caprídeos*

Relativamente aos caprídeos, eles são sem dúvida o tema mais representado na margem direita do Medal. Regista-se no entanto uma variabilidade estética na sua representação que merece da nossa parte alguns comentários. Efetivamente, no primeiro artigo que escrevemos sobre as placas gravadas do Medal (Figueiredo *et al.* 2014), como materialização dicotómica desta realidade nas representações figurativas, dávamos como

exemplos uma placa com uma representação extremamente detalhada e naturalista de uma cabra (placa 5168) e, outra, com a representação do mesmo animal realizado de uma forma extremamente esquematizada (placa 5031) (Fig. 2 e 3).

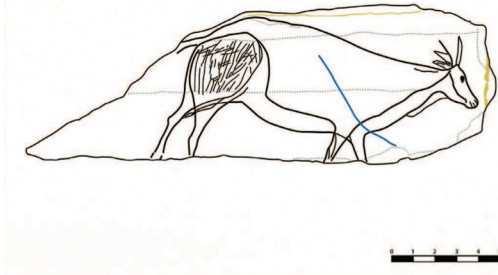


FIG. 2. Representação de caprídeo na placa 5168.

FIG. 3. Representação de caprídeo na placa 5031.

Dissemos na altura que estas variações não implicavam, à partida, diferentes momentos cronológicos na sua gravação, sendo que as tomávamos como contemporâneas. No entanto, de então para cá, e na continuação dos estudos desenvolvidos no Medal, pensamos que as 1257 placas adstritas ao Magdalenense poderão, efetivamente, corresponder a diferentes fases dentro deste mesmo período. Apesar de termos individualizado para cada placa os diferentes momentos de gravação, assim como os individualizamos nas diferentes camadas das vectorizações por nós realizadas, não dispusemos ainda de tempo suficiente para levar a cabo uma análise pormenorizada. No entanto, desta futura análise poderão surgir dados relevantes que nos permitam uma triagem cronológica para os diferentes motivos tendo em consideração não só as sobreposições como também as associações, o estilo e as técnicas de execução. Só após esta análise cuidada, poderemos de facto averiguar se as placas magdalenenses gravadas do Medal correspondem a uma ou a mais fases de gravação. Um dado curioso, por exemplo, é o facto de apesar de ser este o motivo mais representado na coleção, é também aquele que apresenta uma menor variabilidade técnica na sua execução (Figueiredo, Xavier, *et al.*).

Por fim, importa referir que o elevado número de representações deste animal se assemelha ao que acontece na arte da Cantábria, onde o estilo Magdalenense demonstra um aumento significativo na representação de caprídeos, que chegam a tornar-se nos animais dominantes em locais como El Bosque ou Covarón (González 2010).

### 3.2. Equídeos

No que concerne à representação de equídeos, o que atrás foi referido relativamente à existência de um estilo mais naturalista e outro mais esque-

mático para os caprídeos, pode igualmente ser mencionado para os equídeos. A título de exemplo podemos referir a remontagem entre as placas 14924 e 14972 onde se vê um cavalo totalmente preenchido no seu interior numa delicada e complexa composição pictórica e, por outro lado, a placa 5154, onde surgem três cavalos representados de uma forma bastante simples e esquematizada (Fig. 4 e 5).

Não pretendendo retomar a nossa exposição relativa à possibilidade de estes corresponderem a diferentes períodos de gravação dentro do Magdalenense, importa no entanto referir a presença de diferentes soluções pictóricas na representação desta espécie. Os cavalos surgem quase sempre representados em perfil absoluto, com o focinho arredondado, por vezes com a crina em escalão fechado, sendo que a representação das orelhas é escassa ao invés dos olhos, figurados quase sempre através de uma forma amendoada.

FIG. 4. Representação de equídeo nas placas 14929 e 14972.

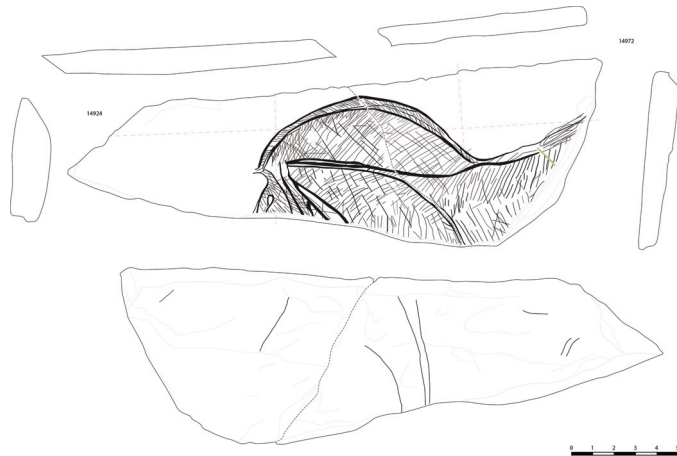


FIG. 5. Representação de equídeos na placa 5154.



### 3.3. Bovídeos

A terceira espécie mais representada compreende os bóvídeos num total de 17. Estes surgem representados em perfil, com os cornos numa perspetiva semifrontal, sendo que um é desenhado em C e outro em S. Apresentam corpos robustos e os focinhos terminam de uma forma reta ou modelada. Infelizmente, não temos nenhuma figura de auroque completa. Importa referir que as representações de auroques são aquelas que apresentam uma maior variabilidade técnica na sua execução, havendo até um caso em que a técnica empregue foi o picotado (placas 4932 e 5029) (Fig. 6). Não obstante, no que se refere às convenções usadas na sua figuração, estas parecem ser mais uniformes que as verificadas na representação de caprídeos ou equídeos.

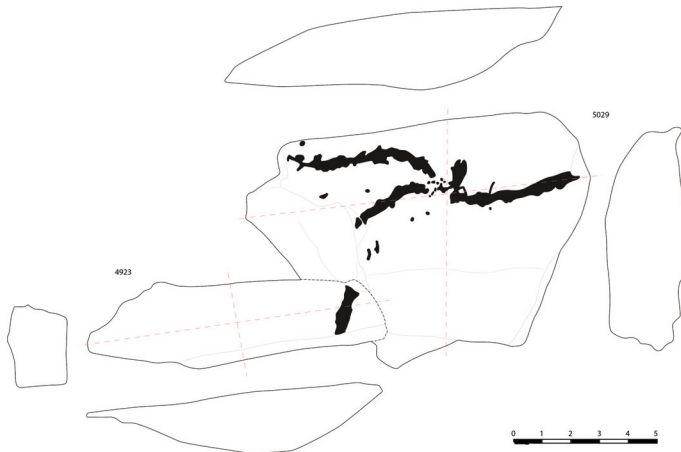
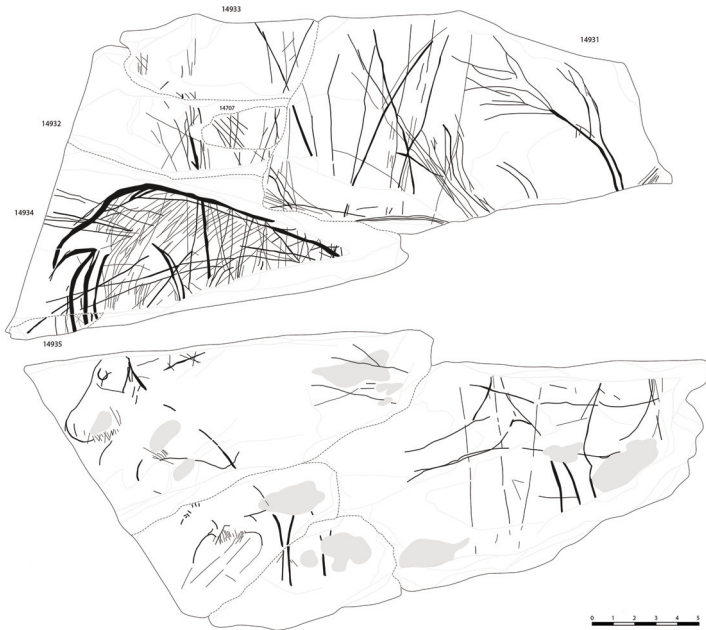


FIG. 6. Representação de auroque a picotado nas placas 4923 e 5029.

### 3.4. Cervídeos

Por fim, o cervídeo constitui sem qualquer dúvida a espécie menos representada no acervo de figuras zoomórficas do Medal. De facto, até aqueles zoomorfos classificados enquanto cervas ou veados nos oferecem atualmente dúvidas, sendo que nalguns casos a sua classificação poderá vir a alterar-se. Há no entanto um caso onde não temos dúvidas de se tratar de uma representação de cervídeo. Falamos da remontagem de seis fragmentos de placas que correspondem aos números 14707, 14931, 14932, 14933, 14934 e 14935. Infelizmente a figura não se encontra completa sendo que apenas se percebe a espécie do animal pela representação da cornadura, bem como da cauda e da parte traseira do animal, faltando parte do corpo, as extremidades e a cabeça (Fig. 7).

FIG. 7. Remontagem de seis fragmentos de placa com a figuração de um cervídeo numa das faces.



### 3.5. Antropomorfos

De acordo com Clottes (Clottes 2008:21), são conhecidas cerca de 100 figurações humanas na arte Paleolítica, exceptuando as mãos ou representações de vulvas femininas, sendo que destas, são cerca de 20 as figurações humanas completas. Assim, a estas, terá de se adicionar pelo menos mais uma figuração humana completa, proveniente da margem direita do Medal. Trata-se de um antropomorfo individualizado na placa 5879 (Fig. 8).

Como é sabido, os antropomorfos são um tema raro no âmbito da arte paleolítica, estando geralmente representados de uma forma grotesca e/ou pouco naturalista. O antropomorfo detetado na espantosa placa 5879 da margem direita do Medal, placa esta com dimensões excepcionalmente grandes para o que é conhecido no Paleolítico, encontra-se virado para o lado direito exibindo uma cabeça disforme, com uma zona parietal muito pronunciada, bem como um prognatismo facial também ele vincado. Os membros tanto superiores como inferiores foram figurados de modo pouco realista; já o órgão sexual encontra-se bem marcado. São inevitáveis as analogias entre o antropomorfo do Medal e o denominado Homem de Piscos gravado no vale do Côa (Rocha 2) (Baptista 1999, 2009), quer pelas suas similaridades, quer pela clara associação a um bovídeo em ambos os casos. Estes dois exemplos vêm suscitar, porventura, alguma associação particular entre antropomorfos e bóvidos, servindo-nos de algumas ideias de carácter estruturalista avançadas algumas décadas atrás por André Leroi-Gourhan (Leroi-Gourhan 1972, 1984).

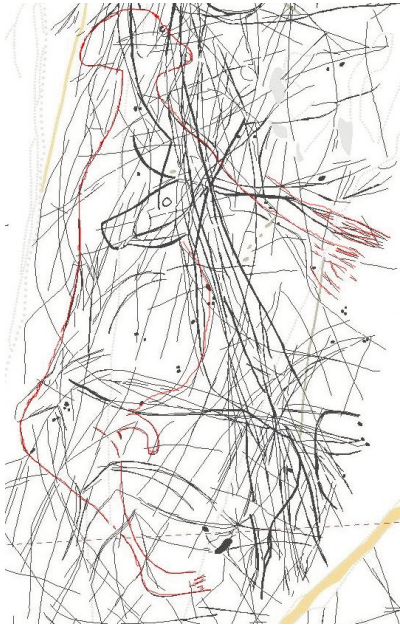


FIG. 8. Pormenor da placa 5879, com a figuração do antropomorfo destacada a vermelho.

Para além do Côa, onde são ainda patentes as semelhanças com outros antropomorfos da rocha 24 de Piscos (Baptista 2009), podemos enunciar pelo menos mais 3 sítios, desta feita em grutas, onde as parecências com o antropomorfo do Medal se evidenciam, a saber: o antropomorfo no painel do fundo de Saint-Cirq, na Dordonha; o antropomorfo gravado numa placa de La Colombière, em Ain; e, mais perto geograficamente de nós, na região da Cantábria, um antropomorfo de braços levantados de Hornos de La Peña (Leroi-Gourhan 1995).

### 3.6. Associação de motivos

Proseguindo a nossa exposição sobre os diferentes zoomorfos representados na coleção da margem direita do Medal, importa também expor os casos onde os animais surgem associados entre si. Relativamente aos 4 casos onde animais da mesma espécie são representados juntos, há a registar uma placa onde surgem representados 2 auroques, outra com a representação 3 cavalos e, mais 2 onde o tema são as cabras, estando agrupadas em número de 2 e 4. Na Figura 9 vemos a placa com o maior número de representações da mesma espécie, sendo que apenas um caprídeo se encontra completo, representado com o focinho aguçado e os cornos em V curvo aberto.

No que concerne as associações entre diferentes espécies, temos a assinalar que o animal que se associa em maior número a qualquer outra espécie é o cavalo. Como podemos ver na Tabela 1, este motivo associa-se tanto a caprídeos como a bovídeos e cervídeos. Devemos ainda referir que há

duas espécies que nunca ocorrem juntas no mesmo espaço operativo, tratando-se estes de caprídeos e cervídeos.

FIG. 9. Placas 5046 e 5306 com a representação de quatro cabras.

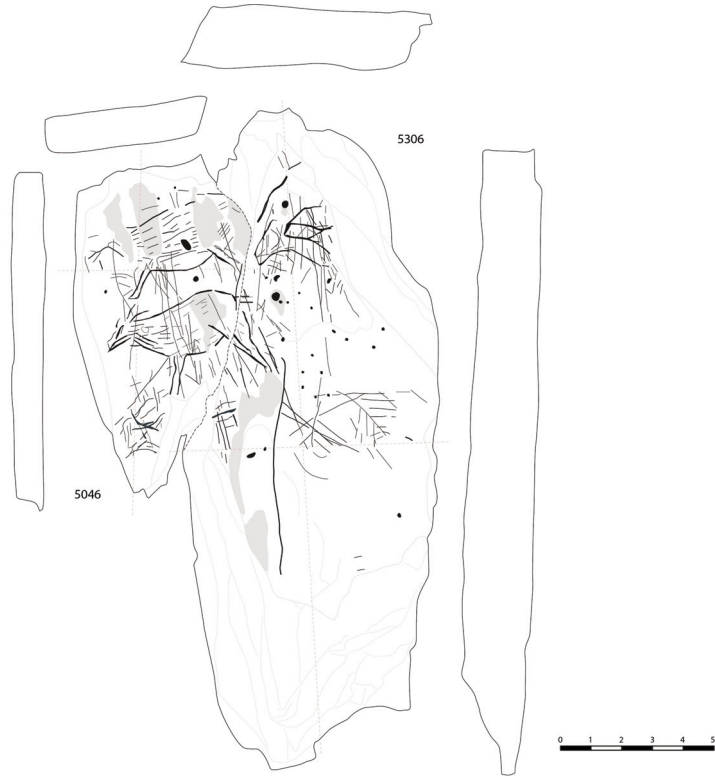


Tabela 1. Associação de diferentes espécies em 14 placas do Medal.

Placa(s)	Zoomorfos					
14971	caprídeos					quadrúpedes
4818	caprídeos					quadrúpedes
14970	caprídeos					quadrúpedes
5060...	caprídeos	equídeos				
5062...	caprídeos	equídeos				quadrúpedes
5440...	caprídeos	equídeos				quadrúpedes
5879...	caprídeos	equídeos	bovídeos			
14911		equídeos	bovídeos	<u>cervídeos</u>		outros
3927		equídeos	bovídeos			quadrúpedes
5215		equídeos				quadrúpedes
14863		equídeos				quadrúpedes
5193			bovídeos			quadrúpedes
14707		equídeos	bovídeos	<u>cervídeos</u>		
5171				<u>cervídeos</u>		outros

#### 4. Discussão de estilos e possíveis cronologias

No total, e exceptuando o Terraço da Foz do Medal, são conhecidos em Portugal nove sítios de onde se exumaram peças de arte móvel. Os dois primeiros, descobertos na década de oitenta, não serão aqui abordados dadas as dúvidas que oferecem. Também a Buraca Grande ou a Buraca Escura não será aqui tratada. Assim, ficam seis estações, uma de onde se exumou uma peça de cronologia Gravettense, duas cujas peças são atribuídas ao Solutrense, e três cuja cronologia aponta para o Magdalenense. Seguindo a ordem da sua descoberta, as estações são as seguintes: Gruta do Caldeirão com 1 placa do Solutrense (Zilhão 1988:106); Quinta da Barca Sul com 1 placa do Magdalenense Final (Luís 2008:73); Cardina I com 2 placas, sendo que uma é do Gravettense Final (Aubry 2009a:383); Fariseu com 77 placas do Magdalenense Final (Santos 2012:43); Chancudo 3 com 1 placa do Magdalenense (Pereira 2010:235); e, Vale Boi com 2 placas do Solutrense (Simón Vallejo *et al.* 2012:7).

Fora de Portugal, as estações com maior número de placas gravadas são a já sobejamente conhecida gruta de Parpalló, com 5034 placas decoradas, a gruta de La Merche, com 1512 fragmentos de placas gravadas, a gruta de Enlène com mais de 1100 placas gravadas e, ainda, o sítio ao ar livre de Gönnersdorf com cerca de 500 placas decoradas.

Um facto interessante por toda a Europa é a distribuição desigual da arte móvel paleolítica pelos sítios arqueológicos. Bahn dá-nos um bom exemplo desta situação, citando um estudo realizado em Périgord, onde se contabilizou para setenta e dois sítios um total de 2329 objetos decorados (Bahn 1997:43). No entanto, em apenas quatro sítios estão concentrados 66% deste acervo (La Madeleine: 582 ; Laugerie-Basse- 560; Limeuil-176; e, Rochereil- 132) distribuindo-se os outros 36% por sessenta e oito estações. Assim, enquanto muitos sítios paleolíticos não tem quaisquer vestígios de arte móvel, outros apresentam apenas um ou dois exemplares (Bahn 1997:43).

A estação arqueológica do Terraço da Foz do Medal, tanto na sua margem direita como esquerda, apresenta-se, sem dúvida, como uma das estações europeias mais importantes no que a placas com gravuras rupestres concerne.

Não obstante, e tratando este artigo especificamente da arte Magdalenense, as possíveis analogias entre a coleção do Medal e outras estações portuguesas com manifestações deste período tornam-se intrincadas. Primeiro, porque em duas das estações em causa apenas foram detetadas duas placas, uma na Quinta da Barca Sul e outra no Chancudo 3. Segundo, porque o levantamento e estudo aprofundado da totalidade das placas exumadas do sítio do Fariseu, se encontra ainda por publicar. No entanto, dada a proximidade geográfica e a importância desta estação, vamos olhá-la um pouco mais de perto.

A rocha I do Fariseu trata-se de um afloramento que se encontrava coberto por níveis arqueológicos e que permitiu datar o painel como sendo anterior a  $18\ 400 \pm 1\ 600$  BP (Aubry 2009b:368). A escavação proporcionou ainda 77 placas de arte móvel, grande parte das quais com reportório figurativo (Santos 2012:43). Infelizmente, destas 77 placas, apenas cerca de 15 se encontram publicadas, sendo ainda que pelo menos a revisão da

Placa 1, publicada em 2002 (García e Aubry 2002), levou recentemente à identificação e interpretação de uma nova figura (Aubry 2009a:386).

A grande maioria das placas do Fariseu provém da camada 4, sendo que a mesma foi situada em termos cronológicos, através de datas TL e OSL, entre 12 000 e 10 000 BP (e.g. Santos 2012:43). As gravuras das peças apresentam um estilo muito uniforme, onde os temas figurados são sobretudo cervídeos e caprídeos (Aubry 2009a:386). As figurações zoomórficas são caracterizadas por corpos quase quadrangulares preenchidos com traço inciso múltiplo, sendo que as extremidades, de dois ou quatro membros, não são representadas (Aubry 2009a:388; Baptista 2009:66). Para além das placas gravadas há ainda a assinalar um achado que se materializa num seixo pintado.

A cronologia atribuída às placas decoradas do Fariseu é o Magdalenense Final. Ora, olhando para os zoomorfos magdalenenses do Medal, o cenário altera-se substancialmente. Aqui, não encontramos corpos quadrangulares preenchido com traço inciso múltiplo, mas antes formas redondas e mais naturalistas desenhadas por uma linha de contorno. Ainda que surjam figuras preenchidas no seu interior, o estriado é usado para criar volume e/ou sombras, não sendo plano como no caso do Fariseu (e.g. Santos 2012:44). De igual modo os temas parecem diferentes, sendo que no Fariseu são privilegiadas representações de cabras e cervídeos, escasseando as representações de cavalos ou auroques. Já no Medal as representações de cervídeos são extremamente raras, ocupando as cabras e os cavalos um lugar de superioridade numérica na coleção. Também a própria dimensão dos motivos nos parece distinta, sendo que no Medal há representações de maior volumetria. Por fim uma outra característica que diferencia verdadeiramente as gravuras do Fariseu e as gravuras do Medal, é a representação nesta última estação das extremidades das patas dos animais, por vezes de uma forma absolutamente naturalista.

Atendendo aos estilos propostos por Leroi-Gourhan (Leroi-Gourhan 1995), facilmente incluiríamos as figuras do Medal no seu estilo IV Antigo ou, nalguns casos, no estilo IV Recente. Lembramos por exemplo a semelhança entre o antropomorfo da placa 5879 com o de Hornos de la Peña, aí integrado no estilo IV Antigo, entre 15 500 e 13 000 BP (Gálvez e Cacho 2010:148).

Continuando a nossa análise tendo como paralelo o vale do Côa, mas desta feita alargando-a para a sua riquíssima arte parietal, se até recentemente se defendiam dois grandes ciclos artísticos para a arte paleolítica do vale do Côa, um Gravetto-Solutrense e outro Magdalenense, investigações recentes tem vindo a questionar este modelo. Como é evidente, tratando-se de arte parietal, os segmentos temporais que a medem são mais amplos e menos precisos. Ainda assim, as fases da arte paleolítica do Côa são resumidas por Santos (Santos 2012:46) da seguinte forma:

“...pensamos que estamos em condições de defender a existência de pelo menos três grandes fases de gravação no Côa durante o Paleolítico: uma primeira gravettense ou solutrense inicial (correspondente ao período II de Leroi-Gourhan); uma segunda que abarca um longo período compreendido entre o Solutrense Final e o Magdalenense Superior (correspondente essencialmente ao período IV de Leroi-Gourhan) e uma última do Magdalenense Final, integrável no estilo V do vale do Douro...”.

Pelo que já expusemos, interessa-nos sobretudo a segunda fase que, de acordo com este investigador, corresponde essencialmente ao período IV de Leroi-Gourhan. Não obstante, e parafraseando este mesmo autor (Santos 2012:57), este período não se encontra tão aprofundadamente estudado como o desejável, apresentando características que deverão ser confirmadas e analisadas em estudos posteriores. Integram este grupo as seguintes rochas: rocha 41 da Canada do Inferno, rocha 7 da Canada da Moreira, rochas 4, 5, 6, 7 e 32 de Vale de Cabrões, e, rochas 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 21, 22, 24, 25 e 26 de Piscos. Efetivamente, nestas rochas desenham-se figuras análogas às do Medal, como por exemplo os braços e mãos de uma das mais estranhas figuras de carácter humanoide da rocha 24 de Piscos (Baptista 2009:98), bem como uma cabra e outro antropomorfo do painel 3 desta mesma rocha; os cavalos da rocha 3 da Ribeira de Piscos; os caprídeos da rocha 4 de Vale de Cabrões; entre outros exemplos. Pensamos que também no Côa, durante esta fase, a representação de cervídeos tende a diminuir.

Neste momento, é-nos difícil precisar melhor em termos cronológicos a coleção do Medal, nomeadamente no que aos momentos magdalenenses se refere. No entanto, as semelhanças entre algumas figuras do Medal e as representações da supracitada fase II do Côa, bem como de figuras do universo Cantábrico também inseridas no Magdalenense Inferior e Médio, são notórias. Destacamos neste período os grafismos Cantábricos pois em Parpalló, a partir do Magdalenense, assiste-se a uma regionalização artística que a afastam da região Franco-Cantábrica (Villaverde 1994:79).

Terminada esta breve redação relativa às possíveis cronologias de algumas das figuras do Medal, resta-nos, ainda que de forma sumária, abordar possíveis organizações espaciais destes elementos ou as suas utilizações.

Muitos investigadores se tem debruçado sobre qual a função e significado destas peças móveis no paleolítico. A circunstância de algumas placas se terem encontrado partidas, com os fragmentos a metros de distância uns dos outros, sendo que alguns dos fragmentos partidos nunca foram recuperados, bem como o facto de muitas das placas revelaram vestígios de terem sido queimadas, levou alguns investigadores a interpretarem-nas como objetos usados em rituais com uma forte carga simbólica (e.g. Bahn 1997:90). Infelizmente, no Medal, dado que todo o depósito e os materiais que aí se encontravam de deslocaram, não nos é possível saber qual a posição original das placas. Há no entanto a assinalar que no Medal, algumas das placas gravadas foram sujeitas a temperaturas elevadas sendo que, nalguns casos, após esta exposição, foram reconfiguradas e novamente gravadas (Figueiredo *et al.* 2014:16). Este aspeto, ligado ao facto de termos várias sobreposições, sobretudo no que à fase Magdalenense respeita, levamos a crer que as placas gravadas detinham uma grande importância no seio das comunidades paleolíticas, uma vez que dispunham de muitas outras placas semelhantes nas redondezas para gravar.

Por fim, e tomando como exemplo as estações que em termos ambientais mais se aproximam do arqueossítio do Medal por se tratarem de sítios ao ar livre, é interessante notar que tanto em Roc-La-Tour I, em França, como em Gönnersdorf, na Alemanha, milhares de placas de xisto foram trazidas servindo de elementos de construção, tais como fundações ou pavimentos, sendo que em ambos os locais apenas cerca de 10% das placas

se encontravam gravadas. Também nas grutas, as placas foram usadas como pavimento, como por exemplo em Enlène, na França, ou, geograficamente mais perto, em Tito Bustillo no Norte de Espanha, sendo que também aí algumas se encontravam gravadas (Bahn 1997:90-91).

## 5. Conclusões

As placas decoradas inserem-se no que comumente se chama de arte móvel não utilitária e caracterizam sobretudo o Magdalenense Europeu. Na Foz do Terraço Fluvial do Medal, foram exumadas de um contexto fechado, ainda que secundário, 1257 fragmentos adstritos a esta cronologia. A análise dos seus temas figurativos, consubstanciados neste caso aos zoomorfos e antropomorfos, bem como aos seus estilos de representação, remete-nos para o Magdalenense Inferior e Médio ou para o Estilo IV. Esta classificação foi realizada tendo em conta sobretudo os paralelos do vale do Côa, bem como os exemplos cantábricos, estilisticamente muito próximos aos do Medal.

A coleção de placas gravadas do Medal representa sem dúvida um dos achados de maior importância de arte paleolítica das últimas décadas, não só a nível nacional como internacional, merecendo por isso estudos de fundo, que nos permitam uma compreensão mais alargada sobre as sociedades que as manejaram e os seus propósitos.

## Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a toda a equipa de Arte Rupestre do projeto do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor, nas seguintes pessoas: Alvaro Cantero, António Dinis, Araceli Cristo Roperio, Dário Neves, Gabriela Santos, Isabel Dominguez García, José Maciel, Luís Carvalho e Rodrigo Dias. Ainda ao fotógrafo Adriano Borges e à desenhadora Renata Morais e aos técnicos de SIG deste projeto, João Monteiro e Ana Rita Ferreira. Todo este trabalho não poderia ter sido efectuado sem a equipa do Estudo da Pré-História do vale do Sabor, sob a responsabilidade de Rita Gaspar, responsável pela intervenção arqueológica do sítio, à qual agradecemos todo o apoio e necessários esclarecimentos.

## BIBLIOGRAFIA

Aubry, Thierry

- 2009a Actualisation des données sur les vestiges d'art paléolithique sur support mobilier de la Vallée du Côa. In *200 séculos da história do vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores artistas do Paleolítico*, edited by Thierry Aubry, pp. 382–395. IGESPAR, Lisboa.
- 2009b Datação indirecta da arte do vale do Côa: estratigrafia, arte rupestre e móvel. In *200 séculos da história do vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores artistas do Paleolítico*, edited by Thierry Aubry, pp. 361–373. IGESPAR, Lisboa.

- Bahn, Paul G.  
1997 *Journey Through the Ice Age*. Weidenfeld & Nicolson, London.
- Baptista, António Martinho  
1999 *No tempo sem tempo: a arte dos caçadores paleolíticos do vale do Côa*. Parque Arqueológico do Vale do Côa, Vila Nova de Foz Côa.  
2009 *O Paradigma Perdido: O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de Ar Livre em Portugal*. Edições Afrontamento e Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- Clottes, Jean  
2008 *Cave Art*. Phaidon.
- Figueiredo, Sofia Soares de, Luís Nobre, Araceli Cristo Ropero, Pedro Xavier, Rita Gaspar, e Joana Carrondo  
Reassembly Methodology in Palaeolithic Engraved Plaques from Foz do Medal Terrace (Trás-os-Montes, Portugal). In *Sobre rocas y huesos: las sociedades pré-históricas y sus manifestaciones plásticas. Conference Proceedings of the III International Meeting of Doctorates and Post doctorates: Art in Prehistoric Societies*.
- Figueiredo, Sofia Soares de, Luís Nobre, Rita Gaspar, Joana Carrondo, Araceli Cristo Ropero, João Ferreira, Maria João Silva, e F. J. Molina  
2014 Foz do Medal Terrace - an open-air settlement with palaeolithic portable art. *INORA* 68:12–20.
- Figueiredo, Sofia Soares de, Pedro Xavier, Luís Nobre, Isabel Domínguez García, Dário Neves, and José Maciel  
Illustrating Sabor's Valley (Trás-os-Montes, Portugal): rock art and its long-term diachrony since Upper Palaeolithic till the Iron Age. In *XVII World UISPP Congress Proceedings- BAR International Series*.
- Gálvez Lavín, Nerea, y Roberto Cacho Toca  
2010 Hornos de la Peña. In *Las Cuevas con Arte Paleolítico en Cantabria*, pp. 145–150. ACDPS.
- García Díez, Marcos, y Thierry Aubry  
2002 Grafismo Mueble en el Valle de Côa (Vila Nove de Foz Côa, Portugal): La estación Arqueológica de Fariseu. *Zephyrus* 55: 157–182.
- Gaspar, Rita, Joana Carrondo, Luís Nobre, Zélia Rodrigues, e Glória Donoso  
2014 Espaço para a morte. O Terraço da Foz do Medal (vale do Sabor, nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze. *Estudo do Quaternário* 10:59–72.
- González Sainz, César  
2010 Unidad y Variedad de la Región Cantábrica y de sus Manifestaciones Artísticas Paleolíticas. In *Las Cuevas con Arte Paleolítico en Cantabria*, pp. 29–45. ACDPS.
- Leroi-Gourhan, André  
1972 Considerations sur l'organisation spatiale des figures animales dans l'art parietal paleolithique. In *Santander Symposium – Actas del Simposio Internacional de Arte prehistórico, UISPP*, pp. 281–301. Santander.  
1984 Reflexiones Metodológicas en Torno al Arte Paleolítico, Símbolos. In *Símbolos, Artes y Creencias de la Prehistoria*, pp. 414–436. Ediciones Istmo [Artes, Técnicas, Humanidades], Madrid.

- 1995 *Prehistoire de l'art occidental* (nouvelle édition revue et augmentée par B. et G. Delluc). Éditions Citadelles & Mazenod, Paris.
- Lorblanchet, Michel  
1993a Figuratif – Non Figuratif – Abstrait. In *L'Art Pariétal Paléolithique: Techniques et methods d'étude*, pp. 211–217. Edition de Comité des Travaux Historique et Scientifiques.  
1993b Les Tracés Indéterminés. In *L'Art Pariétal Paléolithique: Techniques et methods d'étude*, pp. 235–241. Edition de Comité des Travaux Historique et Scientifiques.
- Luís, Luís  
2008 *A Arte e os Artistas do Vale do Côa*. Parque Arqueológico do Vale do Côa, Associação de Municípios do Vale do Côa.
- Pereira, Telmo  
2010 A exploração do quartzito na Faixa Atlântica Peninsular do Pleistocénico. Universidade do Algarve.
- Santos, André Tomás  
2012 Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito da superação de uma persistente dicotomia conceptual. *Trabalhos de Arqueologia* 54 (1ª Mesa-Redonda- Arte rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo): 39–67.
- Sauvet, Georges  
1993 Introduction: Le problem de la determination. In *L'Art Pariétal Paléolithique: Techniques et methods d'étude*, pp. 83–86. Edition de Comité des Travaux Historique et Scientifiques.
- Simón Vallejo, María D., Miguel Cortés Sánchez, y Nuno Bicho  
2012 Primeras evidencias de arte mueble paleolítico en el sur de Portugal. *Trabajos de Prehistoria* 69:1:7–20.
- Villaverde Bonilla, Valentín  
1994 *Arte Paleolítico de la Cova del Parpalló: Estudio de la Colección de Plaquetas y Cantos Grabados y Pintados*. Diputació, València.
- Zilhão, João  
1988 Plaque gravée du Solutréen supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal). *Bulletin de la Société préhistorique française* 85, 4:105–109.